

J U S S A R A R O M Ã O

ARQUIVO URBANO

100 ANOS DE FOTOGRAFIA E MODA NO BRASIL

1ª edição - São Paulo - Brasil - 2013

Luste  editores

Para Wolf, Camila e Nicholas.

Que sempre acreditam nos meus
sonhos mais loucos.

A fotografia entrou na minha vida pela Faculdade de Artes Plásticas, embora já existisse em mim a paixão pela imagem: formas arquitetônicas, texturas, as pessoas no cotidiano. Isso despertou meu interesse pelas revistas, pela possibilidade de criar imagens. De repente, vejo uma foto. A revista, Vogue; o fotógrafo, Miro; o nome por trás da revista, Regina Guerreiro. Decido trabalhar com moda.

Uma curiosidade me perseguia: como os estilistas conseguiam criar ideias que seriam desejo de consumo? As explicações comerciais não me satisfaziam. Em tudo o que lia buscava a resposta para esta questão. No contato com a história da moda começo a desvendar o enigma: acontecimentos históricos, econômicos e artísticos são decisivos para a criação de um desejo. Tudo o que acontece na sociedade se reflete na forma de vestir.

Começo a entender a importância de conviver com pessoas de estilos diferentes do meu e a lhes dar liberdade para se expressarem. Passo a adorar o diferente – percebo que ele pode oferecer respostas para o que sozinha eu não conseguiria obter. Descubro fotógrafos como Jacques-Henri Lartigue, Henri Cartier-Bresson, Brassai, Nan Goldin, Richard Avedon, Jean Loup Sieff, Otto Stupakoff, com quem tive a honra de trabalhar.

Veio então a ideia de historiar 100 anos da vida brasileira através da fotografia, as mudanças no vestir percebidas com o correr do olhar. Simples assim. Reuni então o que mais gosto: História, Moda, Comportamento e Gente, sob o título de “Arquivo Urbano”, sugestão do meu marido. E tendo na cabeça a ideia de resgatar fotos de pessoas comuns em instituições, álbuns de família e acervos particulares, emoldurados por um texto que resumisse a História do Brasil em cada década, eu precisava reunir uma equipe que se apaixonasse pelo projeto. Na curadoria das fotos, alguém amante da fotografia e com um senso estético apurado; no texto, um jornalista experiente, sarcástico, que desse à história um tom leve e apaixonado; na arte, alguém decidido a construir algo novo; e finalmente uma editora que soubesse entender um sonho. Formou-se a equipe. E o início de um novo aprendizado.

Durante o processo ocorreram alguns erros e curiosidades. O primeiro erro foi achar que seria impossível reunir um bom material de fotos antigas. Ledo engano. Instituições, acervos, até baús particulares, todos tinham fotos incríveis de avós, bisavós ... O segundo erro foi deixar para o final a pesquisa das fotos das décadas de 80 e 90. É estranho, mas estas fotos não fazem parte dos acervos ou das instituições. Nem dos acervos particulares. A primeira curiosidade foi descobrir que as décadas mais fotografadas foram os anos 20 e 50, um exagero fotográfico só superado pela época atual. A segunda curiosidade é que as fotos das décadas de 80 e 90 podem ser consideradas as de pior qualidade: fotos sem foco, com enquadramentos bizarros e cores amareladas.

Mas também aconteceu o maior das descobertas. As nossas fotos de família, se entregues às instituições que preservam acervos fotográficos, contarão a história de uma cidade, de um Estado, de um país. Terá valido a pena ter registrado cada momento.

Por isso minha gratidão a todas as famílias e pessoas que me ajudaram a contar como através moda é possível conhecer e entender uma época.

Finalmente, pra vocês, o Arquivo Urbano.



“Vestidos de xadrezinho branco e preto (...) que se vestiam à tarde para o jantar. Embaixo deste, a blusa de mangas compridas e a gola alta segura pelas guimpes. Botina de pelica de salto baixo, biqueira de verniz. A grande gala era de seda preta, uma espécie de matinê plissada, mitaines, fichu de renda ou mantelete de vidrilho, capota”.

É assim que o médico e escritor Pedro Nava (1903-1984) retrata o figurino de sua avó materna, vista em uma cena de infância, em *Bau de Ossos*, (1972) o primeiro dos setes volumes de suas memórias. Mais adiante, o autor não deixa de registrar que as mulheres de sua família “cerziam e faziam renda”.

Belle Époque nos trópicos



Acervo Família Sallaberry



Acervo Museu Joaquim José Felizardo

Mesmo sem desvendar o enigma do que vem a ser “guimpe” (pala de algodão que cobre do pescoço aos ombros) ou “mitaine” (luvas que deixam os dedos descobertos), é evidente o exagero elaborado do traje usado em um Rio de Janeiro – então capital da jovem república brasileira – de temperaturas tórridas e ainda atormentado pela alta incidência de doenças tropicais. Entretanto, decididos a reproduzir em tudo a moda e os modos importados diretamente de Paris, os Nava, família de classe média vinda de Juiz de Fora, recebiam regularmente encomendas feitas através de catálogo e despachadas por navio, do tradicional magazine francês Au Bon Marché.



Acervo Museu Joaquim José Felizardo



Arquivo Museu Joaquim José Felizardo



Acervo Instituto Moreira Salles - Foto Vincenzo Pastore

A primeira década do século XX ainda pertenceu à chamada Belle Époque, um período marcado pelos avanços artísticos, culturais e científicos que promoveram profundas mudanças na maneira de viver e pensar, graças ao clima de relativa paz entre as grandes potências do mundo na época.

Romântica, opulenta e ingênua.

a bela época viu uma maior afluência de viajantes entre a Europa e as Américas e uma rapidez maior na divulgação da informação através do telégrafo e da circulação de jornais e revistas que, invariavelmente, celebravam o fato de o mundo ter se tornado menor.



Acervo Família Sallaberry



Acervo Arquivo G. Ermakoff - Foto Augusto Malta



Acervo Arquivo G. Ermakoff - Foto Augusto Malta

Mas, ao contrário da crença generalizada – reforçada pela visão compartimentada e classificatória que se tem hoje do passado – as grandes mudanças de hábitos e costumes ocorridas no século XX não ocorreram do dia para a noite e muito menos foram abraçadas e assimiladas pela maior parte da sociedade de maneira uniforme, imediata e sem reservas. Para cada ajuste ou abalo que resultou em uma transformação na maneira de vestir de uma época houve um período inicial de estranheza – muitas vezes francamente escandaloso – seguido de aceitação e conformidade.

Da virada do século até 1910, homens e mulheres prosseguiram se vestindo de maneira muito pouco diferente da geração anterior. As mulheres se apertavam em espartilhos, equilibravam na cabeça, além das cabeleiras presas em penteados enormes,

chapéus que eram verdadeiros acontecimentos, com véus ou cascatas de plumas.

Havia também as sombrinhas, tão enfeitadas e complicadas “quanto um repolho”, segundo um autor da época. Acompanhadas por cavalheiros com ternos de trêspeças, em casimira ou lã – calça, colete e paletó – e camisas com peitilho engomado, colarinhos avulsos e gravatas presas com alfinete.



CARROS e AUTOMOVEIS

BILHETERIA



BILHET

BILHET



E nem tudo era bom comportamento. Havia também ousadias. Como as calças-culotes: amplas como uma saia, se afunilando e franzindo em torno dos tornozelos, oferecendo maior liberdade de movimentos para as pernas femininas e, ao mesmo tempo, despertando todo tipo de comentário malicioso.

Acervo Museu Joaquim José Felizardo

Acervo Museu Joaquim José Felizardo



Acervo Museu Joaquim José Felizardo



Acervo Museu
Joaquim José Felizardo

Quando o cometa Halley riscou os céus em maio de 1910, a credence popular viu nele não só um espetáculo de absoluto encantamento, mas também um sinal de mau agouro.

O reluzente corpo celeste seria o presságio de uma série de catástrofes em escala global que culminariam com o fim do mundo. Coincidência ou não, a década presenciou um violento conflito político sem precedentes, acompanhado de uma mortandade em massa poucas vezes presenciada na história. A eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914, deixou um rastro de milhões de mortos e feridos – em sua maioria homens jovens, na casa dos 20 anos – e, na sequência, a pandemia de influenza – conhecida popularmente como Gripe Espanhola –, se encarregou de ceifar outros muitos milhares de vidas. Flagelos da humanidade não combinam com a moda, mas sua onda de choque esfacelou tão completamente o modo de vida do século anterior que abriu caminho para novos modos de vestir e usar. Afinal, o mundo não acabou, mas se transformou de maneira irreversível.

E o Tal do Mundo Não Se Acabou





Acervo Família Schnitzberger

Apesar de não sofrer consequências tão diretas ou trágicas da “Guerra de 14” – como ela foi chamada por aqui durante muito tempo – o Brasil acompanhou os ventos das mudanças. A nova e afluyente classe média dos centros urbanos – que se modernizavam com a chegada dos automóveis, bondes elétricos, linhas telefônicas e saneamento básico – continuava a seguir e consumir a moda que vinha de Paris – e em seguida do mercado americano, durante a Guerra. E se os homens adotaram ternos menos empertigados – e os meninos continuavam a vestir o indefectível traje de marinheiro – as mulheres experimentavam um conforto de trajes ainda desconhecido, resultado de um movimento ocorrido às vésperas da guerra.



Acervo Arquivo Público Mineiro

Na capital francesa, o sucesso dos temas exóticos apresentados pela companhia dos Balés Russos influenciou a moda do momento com um toque oriental, que pedia silhueta fluída e tecidos esvoaçantes.



Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo



Aos poucos os espartilhos foram saindo de cena

e o estilo Império do início do século anterior - cintura alta logo abaixo do busto e caimento retilíneo - foi reabilitado.

Enquanto isso, soluções de grande praticidade, como o costume composto por saia e casaco - calcado no terno masculino - ganharam impulso principalmente no final da Guerra, em 1918, pois representavam a mulher que, por pura necessidade, fora obrigada a assumir o lugar dos homens em várias categorias profissionais.



Arquivo Família Marcondes



Arquivo Museu Imperial / IBRAM / MINC



**Nada mais que
atrapalhasse
ou tolhesse os
movimentos
era bem-vindo
e o excesso de
ornamentos
acabou sendo
visto como
um símbolo
do passado.**

As bainhas das saias subiram para revelar pés em sapatos confortáveis e pés apressados em direção ao futuro. Aos mesmo tempo, começavam a aparecer nus em movimentos amplos sugeridos por atividades esportivas ou a dança, cada vez mais popular nos saraus movimentados que atraíam jovens ousados e audaciosos.



Acervo Histórico do Centro Pró-Memória do Club Athletico Paulistano

Acervo Família Bicalho Kehl



Acervo do Museu Amazônico / UFAM - Foto Silvino Santos



Acervo G. Ermakoff - Foto Augusto Malta

Há quem diga que o século XX só começou de verdade no primeiro pós-guerra, nos loucos anos 20. Por que loucos?

Porque depois do conflito mundial, que revelou o poder letal de novas invenções bélicas como a metralhadora e o gás de pimenta, outros avanços tecnológicos e culturais mostraram o quanto de lazer e diversão cabia no cotidiano das pessoas comuns. Além da popularização da prática diurna de esportes – do recente futebol ao charmoso tênis – a iluminação elétrica era uma realidade nas ruas das grandes cidades, incentivando a vida noturna. Podia-se sair para dançar os mais diversos ritmos como os importados tango e fox trot, o brejeiro maxixe e o samba que chegava ao asfalto vindo dos morros cariocas (Pelo Telefone, composição de Donga e Mauro de Almeida, considerada a primeira gravação do gênero musical, foi lançada em 1917).

A Cena Muda e a Garota do It





Acervo Família Bandeira de Mello

**Mas havia,
sobretudo,
o cinema.**



Acervo do Museu Amazônico / UFAM - Foto Silvino Santos

Passatempo eminentemente popular que vinha conquistando plateias desde o começo do século, a arte de contar histórias através de imagens em movimento – sem som e apenas com acompanhamento de música executada ao vivo, foi se aperfeiçoando com o trabalho dos cineastas pioneiros na França, Inglaterra e Itália. Foi só com a devastação da Europa na Primeira Guerra que a jovem indústria cinematográfica floresceu nos Estados Unidos, mais precisamente na costa oeste do país, em um vilarejo perto de Los Angeles chamado Hollywood. No início dos anos 20, os estúdios americanos dominavam não só os meios da produção de filmes, como eram os principais fornecedores de diversão para um enorme mercado internacional. O cinema se tornou o maior difusor das novas conquistas e hábitos para as massas, ditando a moda que se usava nas ruas através de seus astros e estrelas que, fotografados em preto e branco e projetados em telas grandes, lembravam seres sobrenaturais que povoavam sonhos. A *Cena Muda* – ou *A Scêna Muda*, na antiga ortografia do português brasileiro – foi a primeira publicação ilustrada dedicada ao cinema no país. Sua edição número 1 – de março de 1921 – trazia na capa a atriz adolescente inglesa Bebe Daniels, que fazia sucesso em Hollywood, em traje de banho.



Acervo Família Bandeira de Mello

Acervo Família Bicalho Kehl



Acervo Família Bicalho Kehl

Acervo Família Guinsburg



*Acervo
Família
Serebrnik*



Acervo Família Bandeira de Mello



Acervo Família Guinsburg

De pernas de fora e olhar displicente, ela representava o tipo feminino que iria dominar a década: a melindrosa.



Acervo Família Marcondes



Acervo Família Marcondes



Acervo Família Munno Corrêa

Versão brasileira da "flapper girl" americana, a melindrosa era assim chamada porque melindrava os homens usando vestidos curtos de cintura baixa, cabelos cortados na altura da nuca ("à la garçonne", em referência ao corte de cabelos dos rapazes) e maquiagem que ressaltava olhos, lábios e bochechas, em uma atitude espreitada que sugeria um comportamento liberal em relação ao sexo –



Acervo Família Bandeira de Mello

era a primeira vez que rouge, batom e lápis de sobrancelha passavam a ser usados por mulheres que não eram nem atrizes nem prostitutas.



L. CA. DO GUARUJA
PHOTO · M. A

Acervo Família Monteiro Soares





*Acervo Família
Bandeira de Mello*

*Acervo Família Coelho
Netto de Freitas*

As melindrosas vestiam-se como as estrelas de cinema do momento: Bebe Daniels, Colleen Moore, Louise Brooks e Clara Bow, conhecida como “garota do it” – por “it” entenda-se um certo “não sei quê” atraente e irresistível, que se tornaria uma gíria incorporada ao vocabulário brasileiro e seria usada popularmente até os anos 50.





Acervo Museu da Imagem e do Som / MIS / SP

Mas a grande subversão foram os trajes de banho, desnudando partes do corpo que até então não era de bom tom serem vistas publicamente – pernas, braços, colos descobertos! – e sinalizando para duas fixações do século que nascia: a prática de esportes e o culto ao corpo.



Acervo Museu da Imagem e do Som / MIS / SP - Foto Otto Hess



Acervo Família Monteiro Soares

Sim, a moda continuava sendo ditada por Paris, mas eram as melindrosas de Hollywood que difundiam pelo mundo a nova silhueta esguia de busto achatado em vestidos que revelavam braços e pernas –

até as noivas
tiveram o
comprimento
de seus trajes
suspenso.

A geometria Art Déco – abreviação de Arts Decoratifs – era o que havia de mais atual, definindo estampas e motivos tanto nos tecidos para a decoração quanto no vestuário. Uma abstração gráfica representando o espírito veloz e lúdico dos novos tempos. Outras loucuras dos anos 20 incluíam o charleston – ritmo sacolejante derivado do jazz no qual casais dançavam separados uma coreografia que evidenciava o rebolado dos quadris –, os maiôs mais curtos e decotados e – Oh, Céus!!! – as calças compridas para as mulheres. Ser moderna e atrevida era a ordem do dia.

Acevo Família Nunes Ribeiro



Acevo Família Bicalho Kehl



NOVOONVOONVO



Se Hollywood alimentava a imaginação do mundo com dramas, faroestes, aventuras, filmes de terror e uma porção de musicais – a maior novidade para explorar o advento do som – era inevitável que outras praças internacionais também se lançassem na aventura cinematográfica.

No Brasil, pioneiros como Humberto Mauro e Mario Peixoto – diretor do muito e festejado porém pouco visto *Limite* – estavam à frente de uma indústria que engatinhava mas logo teria um gênero pra chamar de seu: o filme de Carnaval. Com um fiapo de enredo e recheado de números musicais – fórmula emprestada do teatro de revista – os filmes de Carnaval eram a maior oportunidade de mostrar para o grande público os rostos, os corpos e a ginga dos artistas de quem se conhecia apenas a voz. Eram os cantores do rádio, estrelas máximas do meio mais popular de comunicação.

Nas Ondas do Rádio



Praticamente todas as casas possuíam um aparelho de rádio. O ponto alto de *Alô, Alô, Carnaval*, filme de Adhemar Gonzaga, de 1936, são as irmãs Aurora e Carmen Miranda, vestidas de fraque e cartola de lamê prateado interpretando a canção *Cantoras do Rádio*. E é esse som metálico, abafado e cheio de chiados que parece acompanhar as imagens dos anos 30, uma época não mais maluquete e ousada como a década anterior, já que uma crise econômica mundial – disparada pela quebra da bolsa de valores de Nova York, em 1929 – que refletiu por aqui com a derrocada da economia cafeeira, mas sim brejeira e inocente como as marchinhas de Carnaval (*A Jardineira*, *O Teu Cabelo Não Nega*, *Mamãe Eu Quero* etc.) e os sambas de Noel Rosa (*Com Que Roupa* e *Conversa de Botequim*, entre outros).



Acervo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro



Acervo Fotográfico do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa



Acervo Família Sallaberry



Acervo Família Sallaberry



Acervo Família Ingeborg Irmgard Marzinkowsk

São tempos austeros, onde as saias voltam a descer até os tornozelos, e boleros, babados ou mangas curtas trabalhadas passam a cobrir os ombros e fazem um jogo de esconde-esconde com decotes mais ou menos reveladores. Busto e cintura são devolvidos ao seu lugar em uma silhueta que marca as curvas do corpo no corte em viés dos vestidos longos. Uma ousadia são os generosos decotes nas costas que acompanham a fluidez das linhas mais sinuosas de um Art Déco tardio.



Sapatos bicolores, bolsas de mão, luvas e chapéus de abas estreitas completam o figurino.

Acervo Família Bicalho Kehl



Acervo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

Mais e mais homens adotam o conforto de um estilo mais esportivo de mangas curtas e calças de cortes amplos. Enquanto isso aumenta também o número de mulheres que passam a trabalhar fora de casa e adotam hábitos inusitados como dirigir automóveis e fumar em público – nos filmes se fuma, muito.



Acervo Maria Ignez Pinheiro Sampaio

É uma elegância sóbria, porém não conservadora.



Acervo Maria Inez Pinheiro Sampaio

Além do cinema e do rádio, a população agora também tem as revistas ilustradas como fonte de informação – O Cruzeiro, publicação semanal lançada em 1928, é um sucesso.



Acervo Família Serebrnik



Ainda não existe uma indústria de moda no Brasil, e o que não é importado - e consumido pela burguesia industrial emergente - é confeccionado pelas modistas ou costurado pelas próprias donas de casa.





Arquivo Maria Ignez Pinheiro Sampaio



Arquivo Maria Ignez Pinheiro Sampaio



Acervo C. Ermakoff

Tudo
mudou
e não há
mais volta.

Ou, como bem observou Noel Rosa: "O cinema falado é o grande culpado da transformação...".



Acervo Museu da Imagem e do Som / MIS / SP



Acervo Família Saboya



Acervo Família Nunes Ribeiro



Acervo Família Coelho Netto de Freitas



Acervo Fotográfico do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa



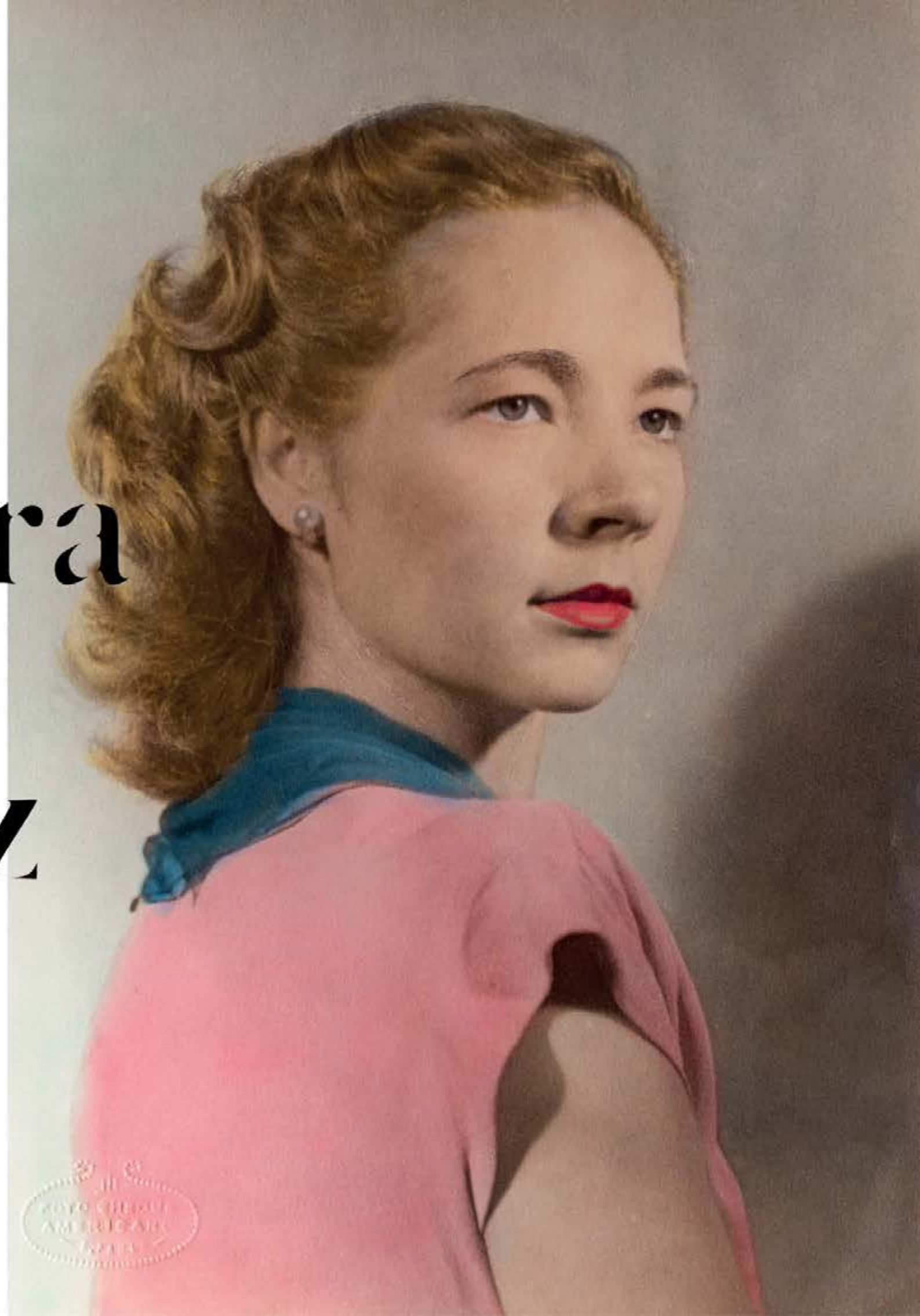
Coleção Dom João de Orleans e Bragança sob guarda do Acervo Instituto Moreira Salles - Fotógrafo não identificado

“Testemunha ocular da História...”

Era assim que se apresentava o Repórter Esso, primeiro noticiário do rádio brasileiro que não se limitava a reproduzir o que era publicado nos jornais impressos.

Voz onipresente nos lares do país – e se manteria assim até o final da década de 60 –, o programa teve uma história e tanto para testemunhar na quarta década do século XX: a Segunda Guerra Mundial. Deflagrada na Europa em 1939, a catástrofe política só iria se alastrar e afetar o resto do mundo dois anos depois, quando os Estados Unidos entraram no conflito e arrastaram consigo os países periféricos, como o Brasil com a presença dos famosos pracinhas. Muito maior em magnitude política e poder de destruição, a hecatombe provocada por Adolf Hitler traria ao mundo uma transformação ainda mais radical e abrangente do que a guerra global de 1914-1918. O clima a princípio irreverente – os anos 20 –, e depois romântico – os anos 30 –, foi completamente esfacelado pela nova realidade sombria e preocupante. E a moda, mais uma vez, refletiu o drama e suas consequências.

Guerra e Paz



Sobretudo, a Segunda Guerra Mundial estabeleceu uma austeridade no dia a dia que prosseguiu até muito tempo depois do seu término, em 1945, e praticamente o maior alívio da influência do preto e branco, cáqui e cinza dos uniformes das Forças Armadas, era fornecido através dos figurinos hollywoodianos – agora fotografados em glorioso Technicolor.



Acervo Instituto Moreira Salles - Foto Hildegard Rosenthal



Acervo Família Bicalho Kehl

A exuberância tropical fazia parte desse cardápio escapista na figura estilizada - e quase caricata - de nossa Carmen Miranda, que conquistou os ianques e colaborou no esforço de guerra da operação de Boa Vizinhança, munida de um turbante coroado com uma cesta de frutas e a ginga brasileira, ainda hoje nosso maior produto de exportação no quesito estilo.



Acervo Instituto Moreira Salles - Foto José Medeiros

Por falar em ginga, os anos 40 marcam a ascensão do Rio de Janeiro como balneário internacional, já que a situação mundial impediu durante boa parte da década as férias de verão nos destinos europeus da estação.



Lembrança de P. Alegre

E assim as calçadas de Copacabana presenciaram o nascimento do modo de vida carioca, que passou a definir a cara do Brasil para o resto do mundo.



Acervo Fotográfico do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa

Nota-se a partir de então, um maior afrouxamento das regras do bom tom que dominavam o vestuário do brasileiro médio.



Arquivo Instituto Moreira Salles - Foto Thomaz Farkas



Acesso Jean Manson



Acesso Instituto Moreira Salles - Foto José Medeiros



Acervo Família Bicalho Kehl

O fator clima passou a influenciar cada vez mais o nosso figurino.





Acervo Família Esquenazi



Não havia mais a necessidade de se vestir à francesa, inclusive porque a influência do cinema se fazia sentir num modo mais jovial de encarar o dia-a-dia – manter alto o moral da população também era parte do esforço de guerra dos aliados.





Acervo Instituto Moreira Salles - Foto Hildegard Rosenthal

os tecidos faziam
parte dos itens
de produtos
rationados
globalmente

Se no início dos anos 40 o
drama da guerra com suas
restrições de matéria prima –

– impuseram roupas
inspiradas pela praticidade
austera dos uniformes,
diminuíram mais uma
vez o comprimento
das saias e obrigaram
as mulheres a adotar o
expediente das pernas nuas
– as meias simplesmente
desapareceram das lojas
–, o início do pós guerra
favoreceu o uso das cores,
das estampas, dos materiais
mais leves e uma irresistível
vocação para o esportivo
– shorts, bermudas, blusas
com alças.



Acervo Instituto Moreira Salles -
Foto Carlos Moskovicis



Acervo Família Cesar de Oliveira



Acervo Família Coelho Netto de Freitas



Acervo Marina Moraes Pinto Prates



Acervo Marina Moraes Pinto Prates

Foto - P. del Este - 1948



Acervo Marina Moraes Pinto Prates



Acervo Arquivo Centro Pró-Memória Hans Nobiling



Acervo Família Guinsburg

Os trajes femininos passam também a carregar uma mensagem sexual mais explícita, provocada por ousadias do cinema, como Rita Hayworth de vestido tomara-que-caia no megassucesso Gilda.

As verdadeiras explosões só viriam a se estabelecer na próxima década: o biquíni – batizado a partir dos testes nucleares realizados no atol de Bikini, no sudoeste asiático – e o New Look, lançado por Christian Dior em 1947, apontando para o novo luxo e opulência em um mundo cansado de guerra.



Acervo Família Besler



*Acervo Marina
Morales Pinto Prates*



*Acervo Marina
Morães Pinto Prates*



Acervo Família Bicalho Kehl

Encerrado o drama de guerra, o esforço agora era fazer tudo voltar ao normal. Só que mais próspero, reluzente e confortável.

Os anos 50 foram tempos em que a idealização de um modo de vida sem maiores turbulências existenciais permeou uma sociedade que, pela primeira vez, presenciou seu próprio poder de destruir a si mesma – o impacto das duas explosões nucleares sobre uma população civil, em Hiroshima e Nagasaki, em 1945, se revelou um trauma permanente. Havia tecnologia para tornar o cotidiano mais prático e o entretenimento de massa acessível para uma classe média cada vez mais jovem e numerosa. A máquina de lavar roupas era uma realidade doméstica, assim como um novo tipo de diversão fascinante e altamente persuasivo: a televisão. Combinando a rapidez de comunicação do rádio com o fascínio das imagens em movimento, o novo aparelho era mais do que mero lazer, era literalmente – e apelando-se para um inevitável lugar comum – a janela para o mundo. A novidade chegou ao Brasil em setembro de 1950, com a apresentação do primeiro programa, TV na Taba, transmitido pela emissora Tupi de São Paulo, parte do enorme conglomerado de emissoras de rádio, revistas e jornais impressos comandado pelo empresário Assis Chateaubriand.

A Televisão Chega na Taba



Arquivo Família Coelho Netto de Freitas



Acervo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

Os anos 50 foram tempos em que a idealização de um modo de vida sem maiores turbulências existenciais permeou uma sociedade que, pela primeira vez, presenciou seu próprio poder de destruir a si mesma – o impacto das duas explosões nucleares sobre uma população civil, em Hiroshima e Nagasaki, em 1945, se revelou um trauma permanente. Havia tecnologia para tornar o cotidiano mais prático e o entretenimento de massa acessível para uma classe média cada vez mais jovem e numerosa.



Acervo Família Munno Corrêa



**A máquina de lavar
roupas era uma realidade
doméstica, assim como
um novo tipo de diversão
fascinante e altamente
persuasivo: a televisão.**

Acervo Família Munno Corrêa

Combinando a rapidez de comunicação do rádio com o fascínio das imagem em movimento, o novo aparelho era mais do que mero lazer, era literalmente – e apelando-se para um inevitável lugar comum – a janela para o mundo. A novidade chegou ao Brasil em setembro de 1950, com a apresentação do primeiro programa, TV na Taba, transmitido pela emissora Tupi de São Paulo, parte do enorme conglomerado de emissoras de rádio, revistas e jornais impressos comandado pelo empresário Assis Chateaubriand.



Acervo Instituto Moreira Salles - Foto José Medeiros



Apesar de se tornar efetivamente popular e influente a partir da próxima década, a televisão foi aos poucos mostrando seu poder de fogo para modificar velhos hábitos e difundir novas ideias e possibilidades. Adquirindo-se um aparelho de TV era possível concentrar uma boa parte do lazer familiar na sala de visitas. A programação era diversificada – de notícias a programas de variedades, peças de humor ou drama e programação infantil.

Enquanto os comerciais estimulavam o consumo dos mais diversos produtos.

Acervo Família Caldas Nunes Ribeiro



Acervo Família Munno Corrêa

Era também
uma excelente
vitrine para a
moda e a beleza
– donas de casa
com mais tempo
disponível tinham
licença para ser
inocentemente
vaidosas.



Acervo Família Nunes Ribeiro



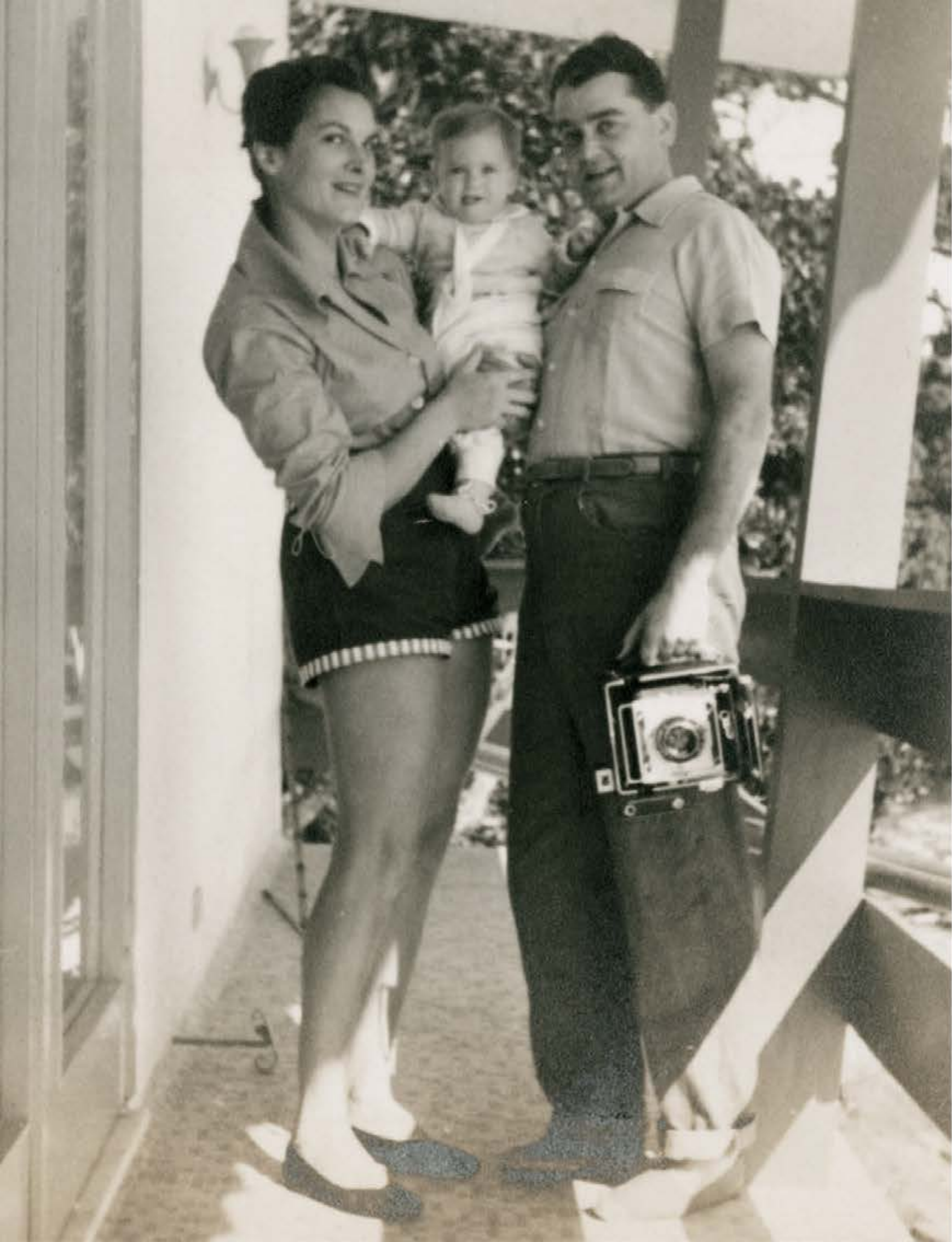
Acervo Fotográfico do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa



Acervo Família Kneip



Acervo Família Munno Corrêa



Acervo Família Romão



Acervo Família Coelho Netto de Freitas



Acervo Família Coelho Netto de Freitas



Acervo Família Caldas Nunes Ribeiro



Acervo Arquivo G. Ermakoff



Acervo Instituto Moreira Salles - Foto José Medeiros



Acervo Jean Marzon

Mas elas também tinham
outra fonte igualmente
poderosa de informação
de vestuário e estilo:

as
revistas
femininas.



Acervo Instituto Moreira Salles - Foto Carlos Moskovic



Acervo Família Schnitzberger



Acervo Família Schnitzberger





*Acervo Fotográfico do
Museu da Comunicação
Hipólito José da Costa*



*Acervo Família
Bicalho Kehl*



Acervo Arquivo Nacional

Junto a conselhos sentimentais e domésticos, essas publicações também mostravam a moda que vinha de Paris –

a alta costura vivia seu melhor momento

com Jacques Fath, Christian Dior e Cristobal Balenciaga – e o que usavam as estrelas de cinema. Além das estrelas de Hollywood como Marilyn Monroe e Audrey Hepburn, agora também conheciam a fama atrizes europeias como Sophia Loren, Gina Lollobrigida e Brigitte Bardot. As revistas até ensinavam como confeccionar modelos através de moldes encartados nas edições, prática exercida durante anos pelas históricas *Figurino Moderno* e *Manequim*. O ilustrador mineiro Alceu Pena assinava a página dupla semanal *Garotas*, em *O Cruzeiro*, que com muito estilo mostrava desde trajes do dia a dia até roupas de festas e também fantasias de Carnaval.



Acervo Arquivo Nacional / Correio da Manhã



Acervo Famílias Nunes Ribeiro e Romão



Acervo Família Mendes de Almeida



.NOVO.NOVO.NOVO.NOVO.



Acervo Família Munno Corrêa



Acervo Esporte Clube Sirio / Família Rachel Tamer Lotaif

Se as roupas importadas ainda eram a regra nas butiques de luxo como Casa Canadá (no Rio de Janeiro), Casa Vogue e Madame Rosita (em São Paulo),

e as modistas continuavam muito ativas,

logo mais os modelos prontos para vestir seriam uma realidade através de uma indústria têxtil e de confecção que se expandiu com vigor a partir do governo do presidente Juscelino Kubitschek – os chamados Anos JK, entre 1956 e 1961.



Acervo Fotográfico do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa



Acervo Histórico do Centro Pró-Memória do Club Athletico Paulistano



Este período
conheceu o auge
da produção da
carioca Fábrica
de Tecidos Bangu
e o nascimento
da Fenit – Feira
Nacional da
Indústria Têxtil –

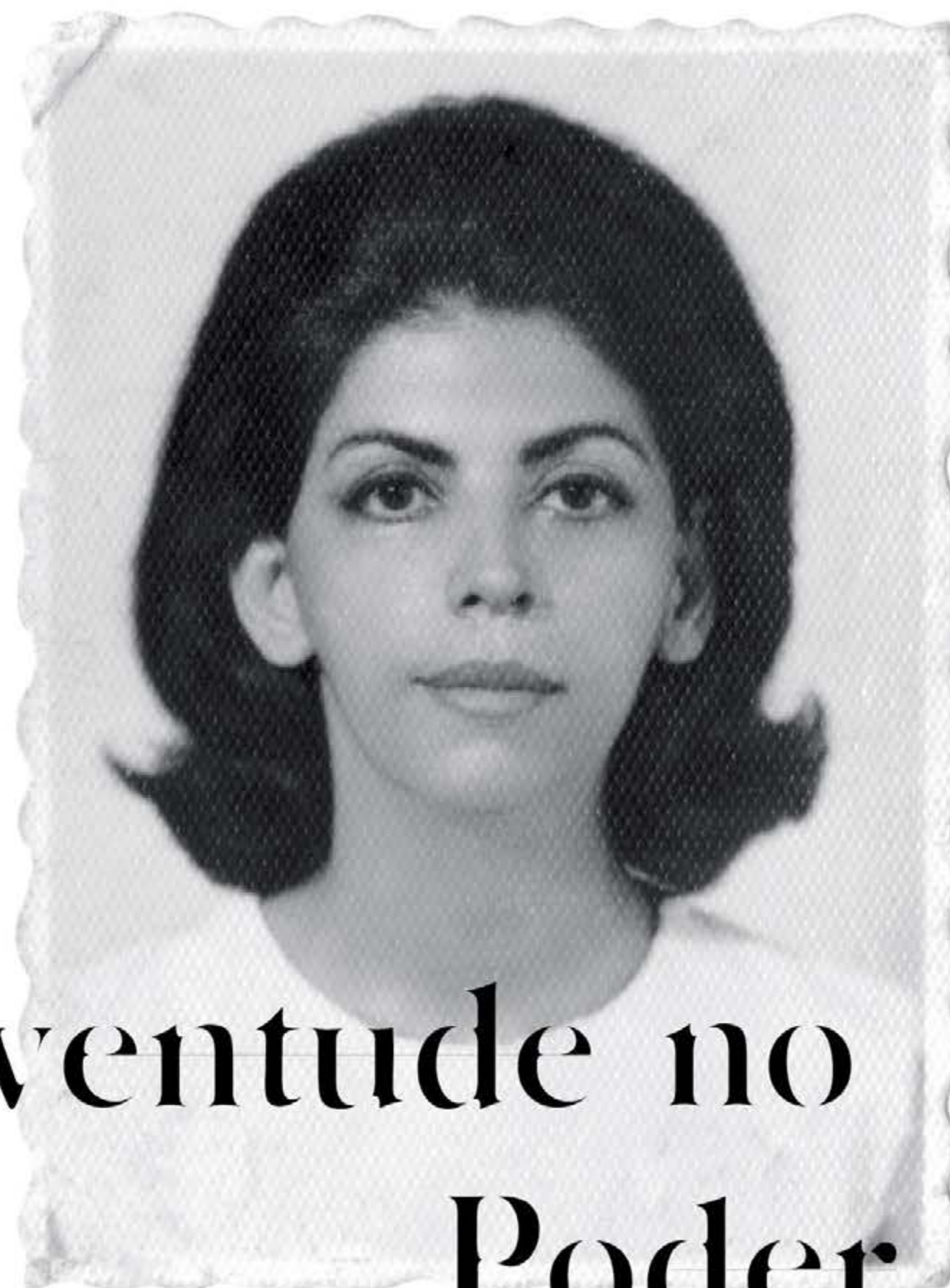
em São Paulo, primeira
feira dedicada à moda
produzida em larga
escala. Sem falar na
popularização dos
concursos de beleza,
onde as misses de
vários estados, clubes e
agremiações esportivas,
incentivavam o uso dos
maiôs. Estabelecia-se um
novo comportamento
feminino, pronto
para se engajar nas
transformações radicais
que viriam a seguir. Tudo
no embalo do novo ritmo
nascido em Copacabana,
a Bossa Nova, que
na próxima década
iria imortalizar a
Garota de Ipanema.

Acervo Instituto Moreira Salles - Foto Carlos Moskovicz

Antes de mais nada é preciso esclarecer que existem duas décadas de 60.

A primeira metade, de elegância tradicional, dando prosseguimento à estética bem desenhada e economicamente privilegiada da década anterior – a feliz opulência dos anos Kennedy –, e uma segunda, rebelde e de ousadia criativa radical, onde se encontram o visual gráfico da *swingin' London*, o futurismo espacial idealizado da ficção científica e a psicodelia hippie. O conflito político que o mundo vivia então chamava-se Guerra Fria. De um lado o bloco democrático liderado pelos Estados Unidos, da livre iniciativa, do livre comércio e dos direitos individuais, e do outro o bloco socialista comandado por União Soviética e China, estados fortes e controladores tanto dos meios de produção e comercialização quanto do modo de vida de seus cidadãos. O casal Jacqueline e John Kennedy na Casa Branca – ele o mais jovem presidente eleito dos Estados Unidos, aos 43 anos – marcou a princípio o clima jovial da década. Nunca antes o poder de decisão no mundo esteve em mãos de pessoas com menos de 50 anos. E a juventude, com sua inquietação e questionamentos, moldou o comportamento da época. A música pop influenciou como nunca a sociedade – da gravadora de música negra americana Motown à explosão dos Beatles e Rolling Stones. Nas artes plásticas, Andy Warhol pendurava nas paredes quadros com símbolos de consumo – sopa enlatada e garrafas de refrigerante – e celebridades consumidas pela massa da população, como Marilyn Monroe, Elvis Presley e Mao Tsé-Tung.

Acervo Família Romão



A Juventude no Poder





Acesso Família Coelho Neto de Freitas



Acesso Família Kneip



Acesso Goya Cruz



Acervo Família Freitas de Godoy Moreira

No meio da
década, uma
reviravolta nas
práticas sexuais
e um supremo
atrevimento no
figurino: a pílula
anticoncepcional
e a minissaia.



Acervo Arquivo Nacional / Correio da Manhã - Foto Gilmar



Arquivo Nacional / Correio da Manhã - Foto Adalberto

A primeira legitimou o sexo como atividade de prazer e não mais apenas como um meio de reprodução. A segunda marcou o início do fim da exposição do corpo como tabu.

A virgindade foi posta em cheque e a nudez deixou de ser pecado mortal.

Em Paris, os estudantes foram à rua, enfrentaram os pais, as autoridades e a polícia, exigindo "A juventude no poder". Nos Estados Unidos, os negros lutavam pelos direitos civis e a nova geração se rebelava contra a Guerra no Vietnã com cabelos longos, consumindo drogas, vestindo jeans, estampas florais e ouvindo rock'n'roll.



Arquivo Karin Rodrigues

No Brasil, era o início da Ditadura Militar e, apesar de ainda estarem no ar os acordes da Bossa Nova, ouviam-se os gritos de protestos contra o autoritarismo do governo. Na TV, a Jovem Guarda fornece a versão nacional do pop-rock e os Festivais da Record dão voz, régua e compasso a uma nova geração que estabeleceu os fundamentos da contestação: Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Os Mutantes. E da cultura hippie do Tropicalismo. Em vez de passeatas anti-Guerra do Vietnã, gritos de

“Abaixo a Ditadura!”.

As roupas agora eram consumidas prontas para vestir, com fibras sintéticas mais fáceis de lavar e de secagem rápida, além de mais baratas. A exemplo dos novos ídolos pop, os rapazes usavam cabelos tão longos quanto os das garotas, enquanto elas exibiam uma silhueta mais esguia a partir do novo padrão de beleza magro representado por ícones como a estrela de cinema Mia Farrow e a modelo inglesa Twiggy.





*Acervo Ana Maria
Job Di Laccio*



Acervo Karin Rodrigues



Acervo Vanessa Santana



Acervo Goya Cruz



Acervo Ana Maria Job Di Laccio

No final da década, o panorama mundial estava completamente modificado. Os anos 60, como os anos 20, conheceram uma incrível prosperidade econômica, com mais diversão e capacidade de consumo do que as gerações anteriores.

Isso tudo estava refletido na moda, que oferecia mais opções do que nunca.





Acesso Arquivo Nacional / Correio da Manhã



Tudo era possível porque,
afinal,
era proibido proibir.



Acervo Karin Rodrigues



*Acervo Sílvia
Paris Marcondes*



Acervo Família Coelho Netto de Freitas



Acervo Sílvia Paris Marcondes



Acervo Família Rodrigues Rondelli



Acervo Família Pedrosa

Woodstock, o histórico festival de rock que promoveu três dias de paz & música em uma pequena cidade próxima a Nova York, em 1969, colocou um ponto final na utopia hippie dos anos 60.

A década que viria tirou da ordem do dia as aspirações pacifistas da "juventude no poder". A Guerra do Vietnã acabou em 1973 – esvaziando os movimentos pacifistas – e, no Oriente Médio, os países produtores de petróleo aumentaram os preços da substância prejudicando a prosperidade econômica que vinha desde o pós-guerra. E há novas preocupações mundiais como a poluição ambiental e a preservação da natureza – o novo front de ação dos ex-hippies. As mulheres passam a lutar por igualdade de direitos com os homens, criando um novo termo e um movimento, o feminismo.

Pra Frente, Brasil!





Acervo Família Guinsburg



Acervo Família Bandeira de Mello

Os anos 70 foram uma década eminentemente política. No Brasil, vivia-se uma ditadura militar feroz sob os governos dos presidentes Garrastazu Médici e Ernesto Geisel – o mesmo acontecia nos vizinhos, Argentina e Chile – com censura prévia aos meios de comunicação e vários tipos de arbitrariedades aos direitos individuais – havia até um depósito compulsório em dinheiro para quem fizesse viagens internacionais. Curiosamente, esse cenário cinza chumbo pouco se reflete nas roupas usadas no cotidiano da época.



As - Acervo Zuzu Angel



Acervo Família Silveira



Arquivo Público do Estado de São Paulo



*Acervo Arquivo Nacional /
Correio da Manhã - Foto Gilmar*



Acervo Arquivo Nacional / Correio da Manhã - Foto Adalberto



Acervo Arquivo Nacional / Correio da Manhã



Acervo Arquivo Nacional / Correio da Manhã - Foto Adalberto



Acervo Arquivo Nacional / Correio da Manhã

A minissaia dos anos 60 conheceu comprimento inusitado e virou microssaia.

Ao mesmo tempo a onda étnica da moda internacional – influências orientais da Turquia e da Índia e o folk norte-americano – trouxe vestidos longos, estampas florais e bordados românticos – um estilo praticado pela estilista mineira Zuzu Angel (1921-1978). Filmes como Cabaret (1972) e O Grande Gatsby (1974) trouxeram o clima nostálgico da era do jazz e o comprimento das saias abaixo do joelho – o midi – também foi adotado, junto com uma beleza de cabelos cacheados, bochechas coradas e olhos esfumados com tons escuros. A silhueta também era mais esguia, pedindo corpos mais magros para vestir blusas frente-única com calças “boca de sino” de cintura alta.



Acervo Zuzu Angel

Acervo Zuzu Angel



o MAR o 74

Acervo Renata Ribeiro



Acervo Marina de Salles Oliveira Azevedo

Pela primeira vez falava-se em androginia e trajes unissex – que serviam tanto para as mulheres quanto para os homens – resultado da revolução sexual, que colocava agora um novo grupo social em cena, os gays. Se no rock'n'roll havia a figura ambígua de David Bowie, por aqui havia a trupe teatral dos Dzi Croquetes e os Secos & Molhados, liderados pela figura sinuosa e impactante de Ney Matogrosso.



Acervo Instituto Moreira Salles - Foto Otto Stupakoff



Acervo Família Munno Corrêa



Acervo Mujica



Essa nova
liberdade
do corpo foi
explorada na
moda praia e
Ipanema

– o Rio continuava sendo o maior divulgador de tendências do país, agora também contando com o poder avassalador de comunicação da Rede Globo – viu nascer a tanga, uma versão ainda mais diminuta do biquíni que foi exportada para o mundo.



Arquivo Nacional / Correio da Manhã - Foto Carlos

Acervo Goya Cruz



Acervo Cecília Maria Mendes de Almeida



Acervo Mira Biancardini



Acervo Cássia Abdala



Acervo Ana Maria Scarpellini Perotti



Acervo Anna Riso



ACERVO SCANOVE



Acervo Família Smith



Acervo Mira Biancardini

No final da década, a explosão disco desembarcou no Brasil. O ritmo pulsante dos sintetizadores que colocava todo mundo pra dançar no Studio 54 em Nova York, Le Palace em Paris e no Hippopotamus, no Rio e em São Paulo, pedia o glamour sexy de transparências e brilho de globo de espelhos. No cinema, John Travolta em *Os Embalos de Sábado à Noite*, immortalizava o terno branco de poliéster. Na TV, Farrah Fawcett no seriado *As Panteras*, apresentou o penteado que fez as cabeças das mulheres em escala planetária. E, na Rede Globo, a telenovela *Dancin' Days* estabeleceu o gênero como lançador de estilo no país. As coruscantes meias de lurex – usadas com sandálias de tiras e saltos finos – tornaram-se uma febre, assim como o figurino de Julia Matos, a personagem de Sonia Braga na trama.



Acervo Família Bandeira de Mello

E assim, os anos 70, iniciados em sisuda nota política, terminaram livres, leves e soltos, caindo na gandaia ao som das Frenéticas.

O Brasil dos anos 80 se afastava rapidamente do país culturalmente atrasado e desinformado das décadas anteriores.

Apesar de uma economia ainda caótica, com a inflação em níveis alarmantes chegando a alterar os preços das mercadorias diariamente, um clima de euforia tomou conta de todos por conta da lei que anistiava os exilados políticos pelo governo militar e do movimento que pedia eleições Diretas Já. Depois de 20 anos, a ditadura terminou e o país voltou ao regime democrático. Esse clima de otimismo coincidiu com um mundo que vivia novamente um frenesi de prosperidade econômica. Os Estados Unidos de Ronald Regan e a Inglaterra de Margaret Thatcher estavam dedicados a fazer dinheiro como nunca, enquanto na União Soviética de Mikahil Gorbachev o socialismo dava sinais de cansaço. Estava-se em plena era yuppie – uma corruptela da sigla YUP (Young Urban Professional), o jovem profissional urbano que almejava nada menos do que ganhar 1 milhão de dólares antes dos 30 anos. A moda desses anos materialistas é igualmente opulenta e excessiva.

Quanto mais tudo melhor



Acervo Família Godoy Moreira

21

21A

21B



FUJI 36

Acervo Mijica



Acesso Família Godoy Moreira



Acesso Família Romão



Acervo Família Godoy Moreira



Acervo Família Santana



Acervo Família Godoy Moreira



Acervo Família Raimondi



Jane Fonda, estrela de Hollywood engajada nas grandes causas políticas nos últimos 20 anos, aposentou as palavras de ordem e se dedicou à política do corpo. Gravou uma fita de vídeo com um programa de exercícios físicos que se tornou um estrondoso best-seller. Mulheres de todo o mundo, através dos aparelhos de videocassete, podiam se exercitar com Jane em casa ou recorrer às centenas de milhares de academias que se tornaram mania. Nesse mundo aeróbico não bastava ser magra, era preciso ter músculos. Physical!, convocava a cantora australiana Olivia Newton-John em um dos sucessos da década.

Acervo Família Godoy Moreira



Acervo Família Godoy Moreira



Com dinheiro em caixa, a geração 80 encara as roupas como símbolos de status e as grifes se tornam uma obsessão: Calvin Klein, Donna Karan, Christian Lacroix, a velha Chanel etc. Ídolos pop como Prince e Boy George vestem-se numa exaltação do que é caro, étnico e de sexualidade espalhafatosa. Já uma nova estrelinha com o nome da Virgem, Madonna, reabilita o sutiã desprezado pelas feministas usando-o por cima das roupas. As adolescentes adoram e imitam. Há um excesso de ombreiras (os anos 40 revisitados), cabelos armados (como o das atrizes dos seriados americanos Dallas e Dinastia), listras horizontais, moletoms e agasalhos esportivos, jeans, jeans, jeans! O vestido com evidente inspiração nos anos 50 usado por Lady Diana Spencer ao se casar com o príncipe Charles dita a moda do altar.



Acervo Família Romão



Acervo Mona Dorf



Acervo Anna Riso





Acervo Liana Padilha

Se Clodovil vira ícone de estilo ao dar conselhos de moda diariamente no programa matinal TV Mulher, a Viúva Porcina (Regina Duarte) na novela Roque Santeiro, em horário nobre, é a mais perfeita versão do termo "perna". A moda que se faz no Rio conhece o seu auge com o estilo surf da Company, o new wave de Mr. Wonderful e Yes Brazil e os jeans "de luxe" Dijon. Blitz,



Acervo Mujica

Cazuza e Barão Vermelho, Lulu Santos e Titãs são os novos ídolos pop nacionais. O preto se estabelece como a cor da década. O movimento jovem surgido na Inglaterra no final dos 70, que finalmente aporta por aqui e tinge de negro as pistas da noite underground nos clubes Madame Satã (SP) e Crepúsculo de Cubatão (Rio). Mas também é o preto do luto pelas vítimas da epidemia de Aids, a terrível doença que desacelerou a Revolução sexual, mas por seu caráter mortal obrigou todo mundo a falar de sexo abertamente e de maneira explícita.



Acervo Família Godoy Moreira



Acervo Família Kneip



Acervo Vanessa Santana



Acervo Elza Barroso

Fashionismo

“Depois dos excessos dos anos 80, nada. Zero!”, declarou a estilista italiana Miuccia Prada ao fazer um balanço estético da última década do século XX.

Ex-militante comunista dos anos 70, a herdeira de uma das famílias mais poderosas da moda italiana sabia do que estava falando porque praticamente comandou o estilo da época.

e

Minimalismo



Não mais apenas um domínio de profissionais e iniciados – que faziam duas vezes por ano a peregrinação pelas semanas de moda de Nova York, Milão, Londres e Paris –, a moda nos anos 90 conheceu uma expansão sem precedentes.

Ocupou definitivamente um espaço na cultura pop, com seus estilistas e modelos tornando-se tão famosos quanto os astros da música. Linda (Evangelista), Claudia (Schiffer), Naomi (Campbell) e Cindy (Crawford) – garotas tão famosas que não precisavam de sobrenome – passaram a ocupar o lugar das estrelas de cinema na capa das revistas internacionais de moda. A única exceção foi Sharon Stone, que seduziu o mundo com uma cruzada de pernas no thriller erótico *Instinto Selvagem* (1992).

Arquivo Mona Dorf - Foto Ike Levy



Acervo Cecília Maria Mendes de Almeida



Acervo Anna Riso



Acervo Silene Zepter



Acervo Mujica

O mundo estava mais próspero e começava a se tornar cada vez menor – a telefonia celular e o advento da Internet no final da década se encarregariam da tarefa. E a queda do Muro de Berlin, em 1989, havia encerrado o capítulo da Guerra Fria. A moda que emergia nesse cenário repercutiu essa aparente placidez sem maiores conflitos.

Em lugar da ornamentação barroca dos anos 80, os 90 privilegiaram o corte preciso, os efeitos de modelagem – pregas, recortes, drapeados – e o caimento perfeito de novos materiais tecnológicos – algodão com aspecto de seda, seda com aspecto de plástico.



Acervo Simone Monte

Acervo Jussara Romão



**“Menos
é mais”**

passou a ser o mote do estilo, apesar de Gianni Versace se manter na crista da onda com seu colorido exagerado.



Depois da
experiência
amarga do
governo Collor,

o Brasil conheceu
um novo período
de otimismo com o
presidente Fernando
Henrique Cardoso,
embarcando
com gosto no
comportamento
fashionista do
momento.



Acervo Paula Lang

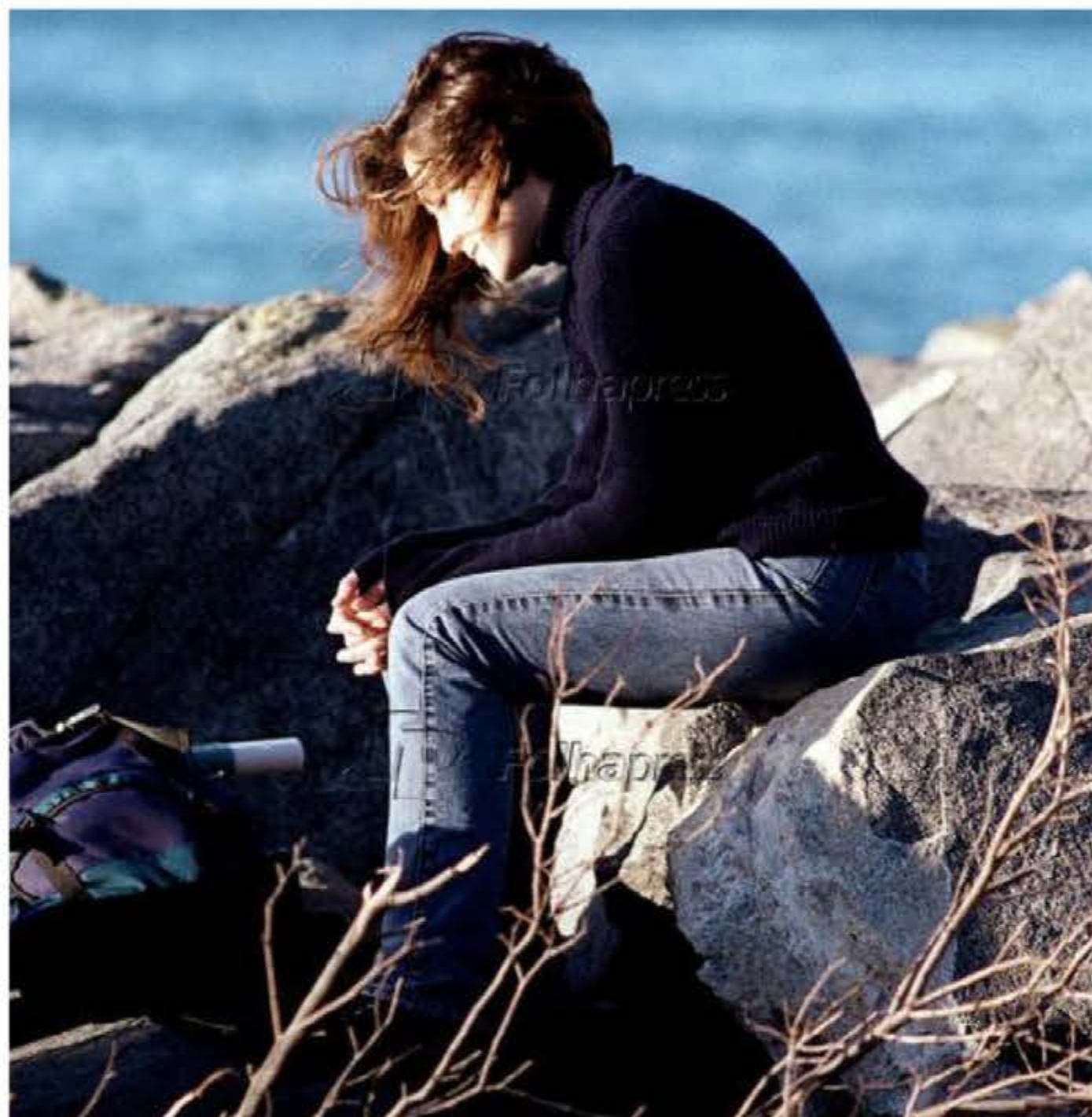




Acervo Folhapress



Acervo Folhapress



Acervo Folhapress

Grifes estrangeiras desembarcaram no país com a liberação das importações. E com a realização da primeira semana de moda nacional o mercado começou a se organizar e evoluir; havia novas marcas e novos profissionais em ação. Nomes como Alexandre Herchovitch, Gloria Coelho, Walter Rodrigues e Reinaldo Lourenço, entre outros, deslocam o epicentro do estilo do Rio de Janeiro para São Paulo.



Acervo Folhapress

A cultura clubber se instala nas noites das duas principais capitais do país, com gays, drag queens, ecstasy e outras loucurinhas rolando ao som da batida da música eletrônica proporcionada pelos DJs. Ser "fashion" estava definitivamente na moda.



Acervo Rita Segreto



Acervo Daniela Bueno

O futuro tão sonhado pela ficção-científica nos últimos 50 anos finalmente chegou.

É não era nada parecido com o que se imaginava. Nem viagens interplanetárias nem teletransporte à disposição de todos. Em vez disso, a revolução digital com seus notebooks, smartphones e tablets mudou radicalmente o cotidiano humano – da rotina de trabalho às relações pessoais. Bill Gates e, sobretudo, Steve Jobs (1955-2011), são os profetas tecnológicos dessa nova era. A globalização econômica é um fato, mas o planeta ainda não é um só. Prova disso é o principal fato político que marca o início da década: o atentado às Torres Gêmeas de Nova York no dia 11 de setembro de 2001. O conflito agora é com o fundamentalismo islâmico e a ex-China comunista torna-se uma potência do capitalismo selvagem. O ex-metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva é eleito presidente do Brasil, dando início a um período de mudanças inéditas: o país vê a ascensão econômica das classes menos favorecidas e passa a ocupar um papel

Belle Époque mas trópicos



2 ◀ RUP100

465 3 ◀ RUP100



2 ◀ RUP100

465 3 ◀ RUP100



de destaque na política internacional.

Ironicamente, a indústria da moda, que busca se renovar e se reinventar a cada seis meses, vive há algum tempo um ciclo de releitura de épocas passadas mesclada a influências étnicas e de novos comportamentos. Dominada pelos conglomerados de luxo e pelo poderoso varejo fast-fashion (roupas não apenas prontas para vestir, mas também desenhadas no estilo da última tendência proposta pelos criadores com preços acessíveis), a moda anda mais fragmentada, diversificada – e ao alcance de um maior número de pessoas – do que nunca. Nada está na moda e tudo está moda.

O termo “supermercado de estilos” foi cunhado pelo antropólogo americano Ted Polhemus – estudioso da identidade através da moda e da sociologia do estilo – para definir o momento atual onde qualquer pessoa pode misturar os elementos mais diversos – de faixa etária a poder aquisitivo, passando por convicções políticas, religiosas, sexualidade e gênero – para criar um estilo pessoal e distinto. Sem falar na cultura digital que provocou o surgimento de fenômenos como o da blogsfera e das redes sociais, que influenciam até a fala e a escrita.

